



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11843 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

SEMENTINHAS NEGRAS: DIÁLOGOS E FORMAÇÃO DE JOVENS NEGRES EM ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS

Fernanda Priscila Alves da Silva - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

RESUMO EXPANDIDO

SEMENTINHAS NEGRAS: DIÁLOGOS E FORMAÇÃO DE JOVENS NEGRES EM ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS

INTRODUÇÃO

A discussão aqui apresentada parte da experiência e dos diálogos construídos com jovens negres de um bairro periférico de Salvador/BA. Estes jovens participam de um projeto social que tem como objetivo potencializar espaços de aprendizado musical e trocas de saberes que considerem suas realidades e contextos. Para além, das aulas de música construídas neste espaço, o Projeto oferece também outras atividades sócio educativas. Neste cenário, a juventude negra deste local tem reivindicado espaços de discussão sobre seus direitos, racismo e gênero apontando a partir de suas narrativas vivências e experiências que questionam os “olhares” de preconceito e discriminação que a sociedade de modo geral tem sobre esta juventude.

O genocídio da juventude negra no Brasil tem colocado em cheque o futuro de meninas e meninos negros e, sobretudo, aponta que vivemos ainda em um contexto de preconceito e discriminação. Adolescentes e jovens são criminalizados e exterminados cotidianamente em nosso contexto. Os corpos negros andando pelas ruas, sua vestimenta, seu modo próprio de circular e interagir têm sido visto como “corpos suspeitos”. Um jovem negro com seu instrumento de sopro nas costas é

abordado por policiais de modo violento e assim colocado sob suspeita. Este jovem junto de outros amigos não negros é o único abordado por policiais. O genocídio começa bem antes do corpo caído no chão. Cotidianamente o genocídio acontece antes mesmo que nossa juventude tenha de fato a oportunidade de ser.

Neste artigo, pretendo compartilhar a partir de meu lugar de mulher negra, educadora popular e pesquisadora as discussões tecidas junto de meninas e meninos negra/os sobre raça, gênero e racismo. Estes debates emergem no trabalho desenvolvido no Projeto Sementinha ^[1] em processo de acompanhamento de um grupo de jovens que participam do projeto. Os debates junto destes jovens nos remetem a pensar sobre as diversas formas de violências vivenciadas pela juventude negra nos lugares onde habitam e em outros espaços da cidade, os lugares das meninas e jovens negras considerando aqui o recorte de gênero, as desigualdades no que tange à educação, moradia, lazer, saúde, cultura e, sobretudo o genocídio vivenciado cotidianamente pela juventude no Brasil.

O conceito genocídio tem sido construído e politizado na militância negra e pela juventude negra ao longo dos últimos anos. Abdias Nascimento (2016), em *O Genocídio do negro brasileiro* fez uma análise deste processo ao discutir a história de violência imposta aos negros e negras durante o processo de escravidão em nosso país. Para Nilma Lino Gomes (2018), “a morte letal de jovens negros não é causada apenas devido ao fato de serem na sua maioria pobres e viverem em situação de maior vulnerabilidade. Ela é atravessada fortemente pela raça” (p. 06). Ser negro tem sido historicamente, um determinante para que parcela da população seja tratada com mais força e violência. Esta força e violência expressa e (re)afirma o racismo e preconceito.

O racismo ainda que seja considerado como um crime inafiançável e imprescritível desde a Constituição Federal de 1988 tem sido uma prática cotidiana nas vidas das juventudes negras no contexto brasileiro. Um exemplo disso é o modo como são educadas e socializadas as crianças negras. É comum escutar de uma mãe negra, por exemplo, que seu filho tenha cuidado ao ser abordado por policiais nas ruas: “*não corra, ande sempre com documento de identidade, evite confrontos*”. Constantemente vemos pessoas negras sendo abordadas em supermercados, lojas e shoppings de forma inadequada, sendo acusadas e apontadas gerando assim constrangimento, vergonha e humilhação. Tais abordagens expressam a cara do racismo evidente e escancarado.

Nesta discussão, outro elemento fundamental e que este artigo aponta como reflexão é a questão de gênero. As vivências das meninas e mulheres negras neste cenário têm sido também de violência e violações de direitos. Lélia Gonzales apontou de modo nevrálgico que o racismo tem sido caracterizado a partir de uma construção ideológica cujas práticas se concretizam em diferentes processos de

discriminação. Neste processo, Gonzales aponta o lugar da mulher negra no Brasil. Para ela, ser mulher negra no Brasil é “ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (GONZÁLES, 2020, p. 58). Desse modo, o recorte de gênero nos ajuda a visualizar a violência que recai sobre as meninas e mulheres negras, e assim, nos permite questionar e indagar sobre o feminicídio negro.

As discussões sobre gênero e raça surgem no contexto aqui mencionado a partir de práticas educativas e formativas que são desenvolvidas no Projeto Sementinha. Entendo este lugar educativo e formativo como lugar primordial para o exercício da educação como prática da liberdade (Freire, 2011) e educação como lugar de transgressão (bell hooks, 2017). Para bell hooks (2017) trata-se de construir uma pedagogia engajada, ou seja, o espaço educativo e formativo dos jovens, pessoas e estudantes é sobretudo um espaço de fortalecimento de professores/educadores e estudantes/juventudes. À medida que as narrativas são compartilhadas, em ambos os lados, as diversas vozes podem ecoar e construir práticas de liberdade e libertação.

PROJETO SEMENTINHA: SOBRE AS METODOLOGIAS CONSTRUÍDAS

As demandas sobre orientações acerca de como discutir gênero, sexualidade, raça e racismo na escola e em outros espaços formativos e educativos tem sido apresentada em diversos contextos. No Projeto Sementinha ela surge como uma fala dos adolescentes atendidos pela instituição, estes apresentam o desejo de discutir o tema entre eles. Este desejo sobre o tema surgiu a partir da intervenção da autora deste artigo, em uma atividade de acompanhamento do grupo de adolescentes que participam do Projeto Sementinha. Na ocasião, uma roda de conversa com temática identidade, os adolescentes trouxeram alguns desafios vivenciados em suas realidades e de como muitas vezes não tem encontrado espaços para falar “abertamente” sobre essas coisas “de corpo, sexualidade e afetos” e também “o racismo que a gente vive”.

A metodologia construída a partir desta situação apresentada consistiu em realizar junto a estes jovens oficinas formativas, ou seja, espaços dialógicos sobre os temas apresentados pelos jovens considerando os marcadores de gênero, raça e sexualidade. O objetivo principal das oficinas foi: proporcionar espaço de discussão e reflexão com adolescentes/jovens atendidos pelo Projeto Sementinha acerca de temáticas sobre gênero, raça, sexualidade, racismo e identificar as possíveis situações de vulnerabilidades vivenciadas pelos adolescentes. Estes espaços foram vivenciados a partir de três momentos:

1. Momento de acolhida e “chegada”: neste espaço, os jovens se colocavam à disposição iniciando o diálogo e trazendo as vivências do cotidiano (de modo geral, estes tempos foram bem descontraídos, o momento da “chegada”, de se sentir na roda, de se sentir acolhido/a);
2. Momento de Provoc(A)ções: Neste momento a educadora apresentava alguma dinâmica ou partia-se de algumas ou algumas palavras geradoras trazidas pelos jovens. Era o momento de olhar para as cenas do cotidiano, para a escuta das vivências e perceber as prov(A)ções que este cenário trazia.
3. Momento das Transform(A)ções: este momento foi concebido pelos próprios jovens como momento e espaço para se pensar e refletir coletivamente o que poderiam fazer e tecer enquanto jovens para transformar a realidade vivenciada. Após a fala e escuta de cada integrante, após o momento de questionamento, conversa e diálogos sobre as situações/vivências o grupo pensava como poderia construir formas de modificar e transformar o contexto.

JUVENTUDES NEGRAS DISCUTINDO E REFLETINDO SOBRE GÊNERO E RAÇA

As discussões apresentadas neste artigo emergem da experiência e relato do grupo de adolescentes com idade entre 12 e 18 anos, sendo dez meninos e 02 meninas. Este grupo além de participar do Projeto social aqui mencionado se conhece e convive desde a infância, partilham das vivências construídas no bairro onde habitam, convivem entre si e com outras pessoas destes lugares/territórios.

A partir da escuta destas vivências e partilhas trazemos neste texto algumas das discussões e vivências que possibilitaram a estes jovens pensar e refletir no contexto educativo e formativo do Projeto Sementinha sobre questões de suas realidades. Os diálogos sobre racismo, por exemplo, iniciou no momento que um dos jovens trouxe para a educadora uma situação de violência por parte de policiais em uma abordagem feita na comunidade. Este jovem trouxe com indignação a situação. Esta por sua vez nos permitiu construir espaço de diálogos e trocas entre os adolescentes e jovens problematizando e tecendo formas de transformar tais realidades. Tendo como ponto de partida estes encontros refletimos a seguir o movimento emergente destas vivências.

Escutar as experiências destes adolescentes, suas inquietudes e incertezas, assim como seus sonhos e metas é reconhecer as singularidades, as experiências situadas em determinados contextos, mas também significa apostar em uma

educação e formação de sujeitos críticos que se permitem *des-velar* o mundo, desmascarar os contextos e transformar a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe qual é o negro mais bonito do mundo? É aquele que tem consciência de suas raízes, de suas origens culturais. É aquele que tem a atitude de quem sabe que é ele mesmo, e não um outro determinado pelo poder branco.

Lélia González (1935-1994)

As narrativas e descobertas dos jovens participantes do Projeto Sementinha nos apontam: primeiro, a importância em discutir/debater/problematizar em espaços educativos (formais e não formais) questões relacionadas a gênero, raça, racismo, sexualidade. Estes espaços educativos são por excelência lugares de formação pessoal e social, pois na medida em que discutem, perguntam e debatem fazem “leitura do mundo” e leitura de si. Reconhecer a própria história, de nossos ancestrais, a forma como nossa cultura é tecida é fundamental para o processo de emancipação e protagonismo juvenil.

Em segundo lugar, estes espaços educativos e formativos reverberam o lugar da educação libertadora e engajada apontado por Paulo Freire e bell hooks. Estes lugares e tempos formativos permitem e possibilitam aos jovens negres aquilo que bell hooks denominou de “apropriação da voz margina” (2019). Este é o lugar da fala como resistência, da consciência política e do desenvolvimento da consciência crítica.

O terceiro elemento a ser destacado está no reconhecimento e na força que emerge dos saberes construídos pelos adolescentes e jovens na medida em que falam e narram suas experiências e vivências coletivamente. O grupo, neste caso, potencializa o processo educativo e formativo. O lugar coletivo aponta a dimensão da construção que se faz com o outro, a partir do encontro, da relação, das contradições, do ir e vir e das trocas necessárias. Discutir gênero com meninas e meninos, discutir gênero com todes, problematizar as questões de raça com negros e brancos. Colocar as cartas na mesa. O movimento deste grupo de jovens negres nos aponta que este debate tão necessário quanto urgente é tarefa da sociedade em que estamos inseridos, das escolas e universidade (espaços formais), dos espaços formativos e educativos não formais. Trata-se de uma processo que convoca à todes, em contextos diversos, em cenas distintas, nos mais variados territórios possíveis.

Por fim, destaco, tendo como referência a discussão de Nilma Lino Gomes (2003) sobre cultura e educação que discutir sobre as questões raciais e, sobretudo

sobre a cultura negra exige de cada um de nós um posicionamento. Não existe neutralidade, diria Paulo Freire. Ou seja, a discussão aqui apresentada nos direciona a um compromisso político explícito diante das questões raciais e das questões de gênero. Este compromisso nos posiciona no debate, na construção de estratégias e políticas públicas afirmativas, ou seja, na afirmação do direito à diversidade étnico-racial e na superação de desigualdades que historicamente tem atingido determinados grupos sociais.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/> Acesso em:05 de setembro de 2021.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Pedagogia da crueldade**: racismo e extermínio da juventude negra. Educação em revista. Belo Horizonte, v.34. e197406, 2018.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1ª-ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Trad. Por SILVA, Tomaz Tadeu da.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, Paulo. FREIRE, Ana Maria Araújo (org). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. Educação & Realidade. Jul/dez, 1995, p. 101-132.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Os estudos queer e educação no Brasil**: articulações, tensões, resistências. Contemporânea, v. 2, n. 2, jul./dez. 2012, p. 363-36.

SCOTT, Joan Walach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**.

Educação e Realidade. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul-dez, 1995, p. 71-99. Revisão de Tomas Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J.W. Genderandthepolitiesoghistory. New York Columbia University Press, 1988, p. 38-50, de artigo originalmente publicado em: Educação e Realidade, vol.15, n.2, jul-dez 1990. Tradução da versão francesa (LescahiersduGrif, n.37-38, PARIS: EditionesTierce, 1988) por Guacira Lopes Louro.

[1] O projeto Sociocultural Sementinha é uma iniciativa da Paróquia Evangélica Luterana de Salvador em parceria com a Associação Sementinha e.V da cidade de Dinkclsbürl (Alemanha). As atividades tiveram início em 2014 com dois grupos focais – o canto coral e o ensino de música para os instrumentos de sopro de metais. Acontece no bairro Federação e atende crianças e adolescentes, com idade de 08 a 16 anos do Alto das Pombas – localizada no bairro da Federação, na cidade de Salvador (BA).